

## I.4. Il *Cancioneiro Geral* di Garcia de Resende e la cavalleria a corte

**Testo 4.7** João de Barros, [Profezia di Clarimundo], in *História e antologia da literatura portuguesa Século XVI*, n. 26, Narrativas Cavaleirescas, edição da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2003, pp. 43-45.

Che il *Clarimundo* rappresenti al contempo una continuità (con una materia in fondo, per la Europa umanistica, obsoleta) e pure una frattura innovativa, che avrebbe segnato in profondità un versante dell'Umanesimo portoghese del Cinquecento, è confermato dalla presenza all'interno dell'opera, nel capitolo IV del terzo volume, della profezia del mago Fanimor. Qui storia e finzione si fondono in modo inscindibile divenendo un tratto distintivo della narrazione cavalleresca alla portoghese. L'episodio, a tutti gli effetti un abbozzo di poema epico, occupa 46 ottave in *arte maior* (e l'endecasillabo eroico, va ricordato, sarà niente meno che il verso dei *Lusiadi* di Camões, cinquant'anni dopo). La serie di stanze modifica alla radice il senso complessivo dell'opera che trascende così la dimensione pedagogico-esemplare della materia per aprire un varco di mediazione dove la ideologia cavalleresca si sposa con un superiore afflato epico: sarà questo lo scheletro essenziale del poema camoniano. Il Clarimundo, insomma, ne è a tutti gli effetti un embrione. Nel brano si introduce la profezia del mago. In abiti sacerdotali, Fanimor, dall'alto della torre di Sintra, al cospetto dell'Atlantico, vaticina al nobile cavaliere le gesta della sua discendenza di re portoghesi, in ottave intervallate da glosse in prosa. Il brano qui presentato, con l'invocazione alla S. Trinità, è la premessa dell'evocazione che dal miracolo di Ourique si concentrerà poi sulle imprese a Oriente del re Dom Manuel. Si colgono lo spirito e le convenzioni della corte dei primi, trionfali decenni del secolo, innestati sull'immaginario e la ideologia cavallereschi, che forniranno poi una cornice adeguata per l'ambizioso progetto delle *Décadas*.

### PARTE III

#### Capítulo IV

*Como partidos os moradores de Sintra, quisera Clarimundo ir ao castelo de Torres Vedras, mas foi desviado por Fanimor. E das grandes profecias que profetizou acercadas cousas de Portugal.*

Clarimundo, depois que agradeceu a vontade queos moradores de Sintra mostravam de seu serviço, despediu-os com muito agasalhado, fazendo-lhes outros tantos oferecimentos enquanto ali estivesse. E partidos eles, falou com Fanimor, dizendo que ele desejava muito, pelo amor que tinha àquela terra, ir ao castelo de Torres Vedras<sup>1</sup> ver-se com o irmão de Morbanfo<sup>2</sup>, por lhe dizerem aqueles moradores de Sintra ser homem mui cruel, e destruidor da terra, e que não o achando ali, era necessário chegar a uma cidade, que chamam Coimbra, porque soubra também deles, que eraído lá a fazer uma presa de donzelas em umas bodas. Senhor Clarimundo, disse Fanimor, não sem causa tendes amor a esta terra, pois tanta parte as vossas cousas nela hão-de ter. E posto que para vós seja pequena glória vencer esse irmão de Morbanfo, não se pode tão facilmente como cuidais, outra honra vos

está nela guardada de maior louvor. Tomai o que vos Deus quer dar, e o mais deixai para quem ele na vontade tem criado, contentai-vos em vos escolher para princípio de tão grande cousa. E por saberdes quanta mercê vos faz, além das que tendes vistas, é necessário encomendar-vos a Ele, dando-lhe graças por tamanhos benefícios; porque com sua ajuda eu vos direi hoje alguma parte de quantas cousas serão feitas nesta terra, entre todas a de maior perfeição, assim na vontade de Deus, como no uso dos homens. E para cousas tão altas, como vos são prometidas, e que do consistório da Sacra Trindade vêm forjadas, cumpre despedirdes de vós todas as lembranças, e cuidado, que vos podem turvar o juízo, e terdes uma consciência mui casta e limpa para as ouvir. E começarei a cantar das obras de vosso neto até onde Deus quiser; porque da maior parte das de vossos filhos, antes que deste mundo partais, sereis testemunha delas; e por este lugar não ser conveniente para o que quero dizer, vamos a outro mais contemplativo. Com estas palavras tomando-o pela mão subir a maõ eirado da mais alta torre, donde se via grande parte do mar e terra. E porque a este tempo a Lua estava na força de sua claridade, fazia uma noite tão serena e graciosa, que todas as estrelas pareciam assim como no oitavo céu estão pintadas. E com as ondas do rio que a maré fazia bater ao pé da torre, tremia a Lua debaixo delas, saltando de uma parte a outra, como quem se alegrava com o cantar dos rouxinóis, que por aqueles pomares andavam namorados. Fanimor, por ficar no hábito que aquele acto pedia, ficou somente em umas roupas de linho largas a maneira de alva que debaixo trazia, e apertada uma touca na cabeça, pondo-se de joelhos, e as mãos levantadas, começou a invocar, dizendo:

*Ó tu Imensa e Sacra verdade,  
Verdade da suma e clara potência,  
Que mandas, que reges com tal providência  
As cousas que obraste na mente, e vontade;  
Ó trina em pessoas, e só divindade,  
Infunde em mim graça para dizer  
As obras tão grandes que hão-de fazer  
Os reis portugueses com sua bondade.*

Não teria estas palavras ditas, quando foi arrebatado de um espírito divino, que o acendeu em tanto furor, que às vezes parecia um gigante, outras de muito menos corpo do que era; tudo tão maravilhosa, que Clarimundo se espantava dos meneios que lhe via fazer, porque ora olhava contra o Oriente, ora ao Ocidente, fazendo para todas as partes o sinal da cruz, e com o fervor daquele espírito profético, pondo os olhos na Lua disse:

*No tempo que Afonso o imperador<sup>3</sup>  
Der a seu sangue, por dar galarão  
A aqueles que dor nunca sentirão  
Em o derramar por seu Redentor,  
Dará também, por mais seu louvor,  
A Henrique em dote matrimonial  
As terras da terra do grã Portugal  
Para as Possuir como justo senhor.*

*Aqueste com ferro mui vitorioso  
Rompendo as carnes de contos de mouros,*

*Deixara de obras de tão grandes tesouros,  
Quanto no céu estará triunfoso;  
Sucedendo a ele o mui generoso  
El-Rei D. Afonso Henriques primeiro,  
Primeiro em nome, e em verdadeiro  
Rei enviado por Deus glorioso.*

[D. Dinis]

E porque o seu desejo será sempre ocupado na destruição de Mafamede<sup>4</sup>, e no exalçamento da Féde Cristo, ordenará uma Ordem Sagrada e Militar; os membros da qual, para serem conhecidos entre os outros homens, trarão nos peitos um sinal de sangue, como aquele que para nossa, redenção foi ordenado. E a este tal número dará um Superior, a que chamarão Mestre de Cristo. E porque a sua populosa Lisboa, não seja isenta, de suas maravilhosas obras, fará nela a grã Rua Nova dos Mercadores, que em todas as partes será tão nomeada, como temida. E deixando em ordem todas as cousas de seus reinos, dará sua alma nas mãos de quem lha criou, e o corpo ao mosteiro de Odivelas, que ele para isso fez

*Tânger e Alcaçar não hão-de escapar  
Do grande poder de Afonso o Quinto.  
Ó Joane seu filho, que obras que sinto,  
Que hás-de fazer quando se entrar,  
A vila de Arzila pelo Albacar.  
Isto em tempo, que a tua idade  
O peso das armas com dificuldade  
Nas brandas carnes poderá sustentar.*

Porque o teu magnânimo coração abrasado em altos pensamentos, sempre nos trabalhos perigosos andarás tão diligente, quanto sofrimento terás paravencer os terrores suspeitosos que te darão durável memória do mais excelente príncipe dos cristãos. E com tuas obras começará a abrir caminho para que a fama portuguesa seja conhecida em todas as partes; e tu farás os fundamentos para ela chegar ao superior assento do mais alto merecer; mas a crua morte não te deixará ver o fim de teus princípios, e inda que isto percas, alegra-te, que o teu corpo será remédio a muitos males, obrando nele uma divina virtude em galardão de teus merecimentos.

*Ó tempos, ó tempos, temos de guerra,  
De guerra com Mouros, e paz com Cristãos  
Quem fosse então por beijar as mãos,  
As mãos que terão por divisa Espera!  
Ó divinas obras, nas quais se esmera  
A fama famosa do grã Manuel,  
Quem se visse naquele tropel  
Que vós cercareis as partes de terra!  
Os maus, e ingratos, que a Cristo mataram,  
Por ele tão santo, e poderoso rei  
Serão convertidos tornados à lei,  
A lei da Graça, que eles negaram.  
E assim cobraram o que nunca cobraram,*

*Depois de perder o que tinham perdido  
Com suas maldades, e endurecido  
O mau coração, que nunca abrandaram.*

E este princípio de suas obras se ordenará com tanto mistério, e por tantos rodeios de cousas, que logo darão sinal de sua grandeza, porque as terras, mares, e toda alma sensitiva sentirá o seu nome; e aquela não terá ser, que de seu conhecimento for apartada. E sòmente os raios de seu resplendor queimarão de maneira os males alheios, que serão convertidos em satisfação de grandes louvores. E de suas mãos soltarão aves sem espírito com cruces de sangue nas asas, as quais voarão por tantas partes, que darão a conhecer ao mundo, que é maior do que ele de si cuidava; descobrindo com seus bicos<sup>5</sup> tantos recantos, e fraldas da terra, que ajuntados em número farão por si outro maior corpo do que ela tinha. E em todas estas partes, aquelas Divinas Armas e Reais Quinas, serão adoradas por amor e temor. [...]

1. Città della Estremadura non distante, a nord, da Lisbona.

2. Altro gigante, fratello di Morbanfo sconfitto da Clarimundo.

3. Nelle ottave profetiche di Fanimor si struttura, nel passaggio da un tempo mitico a un

tempo storico, la genealogia regale portoghese, prima dei Borgogna, a partire da Afonso Henriques I, poi degli Avis, rievocata in chiave epicizzante.

4. Maometto

5. Uccelli domestici.

### PARTE III

#### Capitolo IV

*Come con la partenza degli abitanti di Sintra, Clarimundo voleva andare al castello di Torres Vedras, ma fu deviato da Fanimor. E delle grandi profezie che profetizzò sulle cose del Portogallo.*

Clarimundo, dopo aver ringraziato gli abitanti di Sintra che mostravano di mettersi al suo servizio, li mandò via con molta cortesia, facendo loro altrettante offerte, mentre si trovava lì. E partiti questi, parlò con Fanimor, dicendo che egli desiderava molto, per l'amore che aveva per quella terra, andare al castello di Torres Vedras e incontrarsi con il fratello di Morbanfo, poiché gli abitanti di Sintra gli avevano raccontato che era un uomo molto crudele e distruttore della terra, e non avendolo trovato lì, era necessario giungere in una città, che chiamano Coimbra, perché aveva saputo sempre da loro, che era andato là per prendere donzelle in matrimonio. Signor Clarimundo, disse Fanimor, non senza motivo voi amate questa terra, perché delle vostre cose la gran parte deve essere qui. E dal momento che per voi è poca gloria vincere questo fratello di Morbanfo, non si può così facilmente come pensate voi, un altro onore vi attende, di maggior lode. Prendete ciò che Dio vuole darvi, e lasciate il resto a chi la sua volontà ha deciso, accontentatevi di esser stato scelto come principio di così grande cosa. E per sapere quanta grazia vi fa, oltre a quelle che avete visto, è necessario raccomandarvi a Lui, rendendogli grazie per tali grandi benefici; perché con il suo aiuto vi dirò oggi una parte di quante cose saranno fatte in questa terra, tra tutte quella di maggiore perfezione, così nella volontà di Dio, come nell'uso degli uomini.

E per cose così alte, come vi sono promesse, e che dal Concistoro della Sacra Trinità vengono forgiate, è necessario allontanare da voi tutti i ricordi che vi possono perturbare il giudizio, e avere una coscienza molto casta e pulita per ascoltarle. E comincerei col cantare le opere di vostro nipote, fin dove Dio vuole; poiché della maggior parte di quelle dei

vostrì figli, prima che da questo mondo ve ne andrete, ne sarete testimone; e poich  questo posto non   conveniente per quello che voglio dire, andiamocene in un altro pi  contemplativo. Con queste parole lo prese per mano e salirono sulla torre pi  alta, da dove si vedeva gran parte del mare e della terra. E poich  in quei giorni la luna era al massimo della sua luminosit , era una notte cos  serena e graziosa, che tutte le stelle sembravano come sono dipinte nell'ottavo cielo. E con le onde del fiume che la marea faceva sbattere ai piedi della torre, tremava la luna sotto di loro, saltando da una parte all'altra, come chi si rallegra con il canto degli usignoli, che per quei frutteti camminano innamorati. Fanimor, per vestire l'abito che tale atto richiedeva, rimase solamente con un abito di lino largo, come l'abito talare bianco, che indossava sotto, e un berretto allacciato in testa, mettendosi in ginocchio, le mani alzate, cominci  a invocare, dicendo:

*O' tu immensa e sacra verit ,  
Verit  della somma e chiara potenza,  
Che comandi e governi con tale provvidenza  
Le cose che costruiste nella mente, e volont ;  
O' trino in persona, e unica divinit ,  
Infondi in me la grazia per narrare  
Le opere cos  grandi che devono compiere  
I re portoghesi con la loro bont .*

Non appena disse queste parole, fu rapito da uno spirito divino, che lo accese di un tale furore, che a volte sembrava un gigante, altre molto pi  piccolo di quanto non fosse; tutto cos  sorprendente, che Clarimundo si spaventava dei gesti che gli vedeva fare, perch  ora guardava verso Oriente, ora verso Occidente, facendo da tutte le parti il segno della croce, e con il fervore di quello spirito profetico, volgendo gli occhi alla luna, disse:

*Nei tempi in cui Afonso l'Imperatore  
Dar  il suo sangue, per dare gloria  
A coloro che dolore mai sentiranno  
Nel spargerlo per il suo Redentore  
Dar  anche, per ancor pi  lode,  
A Henrique in dote matrimoniale  
Le terre della terra del gran Portogallo  
Per possederle come giusto signore.*

*Questo con ferro molto vittorioso  
Strappando le carni di mille Mori,  
Lascer  opere di tanto grandi tesori,  
Quanto nel cielo sar  trionfale;  
Succedergli il molto generoso  
Re D. Afonso Henriques primo  
Primo nel nome, e in verit   
Re mandato da Dio glorioso.*

[D. Dinis]

E perch  il suo desiderio sar  sempre impegnato nel distruggere Mafamede e nell'esaltazione della Fede di Cristo, fonder  un Ordine Sacro e Militare; i cui membri, per essere riconosciuti tra gli altri uomini, porteranno sul petto un segno di sangue, come quello che

per la nostra redenzione è stato ordinato. E a questo darà un Superiore, che sarà chiamato Maestro di Cristo. E perché la sua popolosa Lisbona, non sia esente dalle sue maravigliose opere, farà in essa la gran Rua Nova dos Mercadores, che da tutte le parti verrà così nominata, come temuta. E lasciando in ordine tutte le cose dei suoi regni, darà la sua anima nelle mani di chi gliela credè, e il corpo al monastero di Odivelas, che fece costruire per questo.

*Tangeri e Alcaçar non devono fuggire  
Dal grande potere di Afonso Quinto.  
O' João suo figlio, che opere che sento,  
Che dovrà fare quando entrerà,  
Nella città di Arzila per l'Albacar.  
Questo quando per causa della tua età  
Il peso delle armi con difficoltà  
Nelle carni morbide sostenere potrà.*

Perché il tuo cuore magnanimo, infuocato in alti pensieri, nelle imprese pericolose sempre procederà in modo diligente, quanta sofferenza patirai per vincere i timori sospettosi che ti daranno durevole memoria del più eccellente principe dei cristiani. E con le tue opere inizierai ad aprire il cammino della fama portoghese che sarà conosciuta in tutto il mondo; e getterai le basi perché raggiunga il superiore scranno del più alto merito; ma la morte crudele non ti permetterà di vedere la fine dei tuoi inizi, e anche se di questo soffri, rallegriati, che il tuo corpo sarà rimedio a molti mali, operando in esso una divina virtù a ricompensa dei tuoi meriti.

*O' tempi, o' tempi, abbiamo di guerra,  
Di guerra con i Mori, e pace con i Cristiani  
Chi era allora a baciare le mani,  
Le mani che avranno come emblema l'Attesa!  
O' opere divine, in cui si perfeziona  
La famosa fama del gran Manuel,  
Chi si vedesse in quel disordine  
Che voi accerchierete le parti di terra!  
I cattivi e gli ingrati che hanno ucciso Cristo,  
Per lui così santo e potente re  
Saranno convertiti per diventare legge,  
La legge della grazia, che essi negarono.  
E così riceveranno ciò che mai avevano ricevuto,  
Dopo aver perso ciò che avevano perduto  
Con la loro malvagità, e indurito  
Il cuore cattivo, che mai intenerirono.*

E questo principio di sue opere si disporrà con tanto mistero, e per tante cose, che subito daranno segno della sua grandezza, perché le terre, i mari, e ogni anima sensibile sentirà il suo nome; e non vi sarà nessuno che non ne avrà conoscenza. E solo i raggi del suo splendore bruceranno i mali altrui, che saranno convertiti nella soddisfazione di grandi lodi. E dalle sue mani libereranno uccelli senza spirito con croci di sangue sulle ali, che voleranno da tante parti, che informeranno il mondo, che è maggiore di quanto lui immaginava; scoprendo con i suoi uccelli tanti angoli e falde della terra, che riuniti in numero faranno da sé un altro corpo ancora maggiore. E in tutte queste parti, quelle Divine Armi e Reali Quinas, saranno venerate per amore e paura. [...]